

O DISCURSO SOBRE PORNOGRAFIA: CENSURA E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Mariana da Silva Vita

Orientadora: Silmara Cristina Dela da Silva

Mestranda

RESUMO: Posicionado no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso de Pêcheux (1995 [1975]), o presente trabalho tem como objetivo a análise do discurso sobre a pornografia, sua relação com a censura e liberdade de expressão. Tratamos da análise de sete artigos publicados na seção de opinião do jornal online The Washington Post em maio de 2016 sobre a regulamentação da pornografia nos Estados Unidos. Os artigos se encontram na seção In Theory, que toda semana convida supostos especialistas de diversas áreas para escrever sobre um tema que tenha se destacado entre as notícias – no caso, o fato que despertou interesse foi a resolução assinada pelo governador de Utah, nos Estados Unidos, declarando a pornografia como “crise de saúde pública” em março do mesmo ano. Nosso recorte se faz, em um primeiro momento, com dizeres sobre a pornografia – o que é pornografia, a imagem e o lugar das mulheres neste processo discursivo. Temos compreendido, em nosso gesto analítico, a imagem da pornografia como um produto audiovisual sexista e violento, voltado para o público masculino. O imaginário sobre a mulher, por outro lado, se apresenta de três maneiras: as “conformadas” com o uso da pornografia pelos homens, as “cansadas/irritadas” com esse uso, e as que seriam suas “vítimas”. Dessa forma, teríamos uma pornografia nociva que, de acordo com o processo discursivo em questão, deve ser proibida. Esse dizer que se repete nos artigos analisados nos faz questionar a imagem que se projeta para a censura e a liberdade de expressão. Temos, portanto, num segundo momento de análise, a construção do imaginário sobre censura e liberdade de expressão relacionadas à pornografia. Trabalhamos, enfim, na tensão entre processos discursivos díspares e por vezes contraditórios para compreender como pode se constituir o imaginário e sua possível influência sobre os direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Discurso sobre Pornografia; Censura; Liberdade de Expressão.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem e tem como objetivo analisar o discurso sobre pornografia em sua relação com a liberdade de expressão. Posicionamo-nos no âmbito teórico-metodológico da

Análise de Discurso de Pêcheux (1995 [1975]), entendendo o discurso como efeito de sentido entre locutores e considerando o sentido sempre em relação com as suas condições de produção.

Tratamos da análise de sete artigos publicados na seção de opinião do jornal online The Washington Post em maio de 2016 sobre a regulamentação da pornografia nos Estados Unidos. Essa seção convida a cada semana supostos especialistas de diversos lugares sociais para escrever sobre um tema que tenha se destacado entre as notícias – no caso, o fato que despertou interesse foi a resolução assinada pelo governador de Utah, nos Estados Unidos, declarando a pornografia como “crise de saúde pública” em março do mesmo ano. Olhamos para os colunistas convidados da seção de opinião como sujeitos na posição de autores segundo a Análise de Discurso, perspectiva na qual “a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim” (Orlandi, 1998 [1996], p. 69). Portanto, não os vemos a partir de seus lugares sociais empíricos, mas como posições que se manifestam na materialidade discursiva.

Apresentaremos um panorama geral da análise e, em seguida, focaremos nas redes de memória que se acionam no dizer dos artigos que compõe o *corpus*. Nosso recorte se faz, em um primeiro momento, com dizeres sobre a pornografia – o que é pornografia, a imagem e o lugar das mulheres neste processo discursivo. Vimos, em nosso gesto analítico, determinadas regularidades que indicam a imagem que se projeta para a pornografia como um produto audiovisual de massa, acessado pela internet (todos os artigos mencionam a pornografia online). Ela é vista como sexista e violenta, voltada para o público masculino. A principal imagem que se projeta no *corpus* para a pornografia é de algo nocivo¹:

SD

Pornography's enjoyments may be private, but its harms are inescapably public. (SCHMITZ, 24 mai. 2016)

SD

The negative effects of over-consuming Internet pornography is a well-documented phenomenon. Combine this with porn's wild popularity and you have a recipe for a genuine public health concern. (RHODES, 26 mai. 2016)

O imaginário sobre a mulher, por outro lado, se apresenta de três maneiras: 1) as “conformadas” com o uso da pornografia pelos homens; 2) as “cansadas/irritadas” com esse uso; 3) as que seriam suas “vítimas”, tanto as mulheres representadas na pornografia como as que se relacionam com homens que se tornam violentos em decorrência do “uso de

¹ Os grifos de todas as sequências discursivas são nossos.

pornografia”. Três sequências discursivas trazem essas marcas, sendo que a terceira imagem, das mulheres como vítimas, é a mais recorrente nos artigos analisados:

SD

*Many young women have told me that pornography is so ubiquitous that they are **resigned to dating men who use it.** (JENSEN, 25 mai. 2016)*

SD

*A **small but discernible minority of young women are now fed up** with negotiating sexual harassment, “lad culture” and relationships with men who see nothing wrong with masturbating to images of women’s degradation. (LONG, 27 mai. 2016)*

SD

*Further, an analysis of 22 studies from seven countries concluded that **porn use is significantly associated with attitudes conducive to sexual aggression and to engaging in actual acts of sexual aggression in both males and females.** For anyone who believes the myth that pornography use has contributed to the so-called national decline in rape, think again. (...) Far from reducing sexual violence, pornography use feeds a culture accepting of rape, as shown by **links to porn users’ increased likelihood of using physical coercion to have sex, and of engaging in sexual harassment behaviors.** (HALVERSON, 27 mai. 2016)*

As imagens das mulheres que se constroem no *corpus* também constituem a imagem da pornografia como forma de violência:

SD

*Just ask the pornographers who they make movies for: **The primary consumers are men, and in a patriarchal society it’s profitable to eroticize women’s subordination to male power, which then becomes part of men’s masturbation routine.** (JENSEN, 25 mai. 2016)*

SD

*This casual attitude would be impossible if we cared as much about **misogyny** as we say we do. Gail Dines, a feminist scholar who has succeeded Andrea Dworkin as the leading voice against pornography, has found that “the most popular acts depicted in internet porn include vaginal, oral and anal penetration by three or more men at the same time; double anal; double vaginal; a female gagging from having a penis thrust into her throat; and ejaculation in a woman’s face, eyes and mouth.” **This is not sex-positivity; it is hatred of women.** According to one survey, boys are inducted into this **ritualized hatred** at an average age of 11. (SCHMITZ, 24 mai. 2016)*

A tecitura dessas imagens que se projetam no processo discursivo em questão ocorre através do funcionamento da ideologia, gerando o efeito de evidência da pornografia como algo nocivo. Sobre esse mecanismo, Orlandi afirma:

Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposições de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. (ORLANDI, 2001, p. 46)

Então, por mais que se tente apagar a interpretação, a historicidade dos sentidos, há um pré-construído da pornografia como prejudicial, como vício, que é retomado nesses dizeres. Essa regularização de sentidos se apoia no reconhecimento do que se repete, é da ordem do formal, reconstituindo os enunciados já-ditos “sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase” (Pêcheux, 1999 [1983], p. 52).

Apontamos brevemente as citações de duas autoras utilizadas na pesquisa que ilustram um já-dito que significa nos dizeres sobre a pornografia. Em seu livro sobre repressão sexual, Marilena Chauí diz das práticas sexuais fora dos padrões no ocidente moderno, tais como a homossexualidade, a transexualidade e a masturbação: “Encarados pelo ângulo da moral, as práticas e ideias sexuais que não se conformam aos padrões morais vigentes são considerados vícios, pois os seus contrários, os padrões, são tratados como virtudes” (Chauí, 1984, p. 118). Ao escrever uma história do amor e dos relacionamentos afetivos no ocidente, Regina Navarro Lins aponta para a Igreja como origem da perseguição aos prazeres do corpo: “A Igreja desenvolveu horror aos prazeres do corpo, e as pessoas que se abstinham e optavam pelo celibato eram consideradas superiores” (Lins, 2013 [2012], p. 125).

Ao trabalhar as condições de produção do discurso sobre pornografia e sua relação com a liberdade de expressão, buscamos diversas autoras além das duas citadas, dentre elas, Maria Filomena Gregori (2016), Gayle Rubin (2010), Linda Williams (1989), Michel Foucault (1999) e Dominique Maingueneau (2010 [2007]). É importante marcar que olhamos para suas obras enquanto narrativas teóricas que também não escapam ao funcionamento da linguagem, portanto não deixam de ser outros processos discursivos, outros dizeres sobre pornografia que constituem o pré-construído que significa no *corpus* analisado. Logo, autoras de áreas como antropologia, sociologia, história e filosofia são lidas a partir de uma perspectiva discursiva, como parte da memória discursiva que constitui os sentidos da pornografia.

Feita essa ressalva, destacamos destas leituras a ideia de que a censura sempre andou lado a lado com a pornografia na história do ocidente. É o que leva Maingueneau a afirmar que “por natureza, a literatura pornográfica está destinada à proibição” (Maingueneau, 2010 [2007], p. 15). No entanto, compreendemos, com a leitura que Louro faz de Foucault, que é “extremamente problemático aceitar que um pólo tem o poder — estavelmente — e outro, não. Em vez disso, deve-se supor que o poder é exercido pelos sujeitos e que tem efeitos sobre suas

ações” (Louro, 2003 [1997], p. 38-39). Assim como a literatura pornográfica, a pornografia não é essencialmente uma coitada proibida, nem essencialmente opressora.

Afinal, Foucault nos lembra que

a sexualidade, tornando-se um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo... (...) A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... (FOUCAULT, 1984 [1979], p. 82)

De acordo com Pêcheux (1995 [1975]), uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes dependendo da formação discursiva à qual se filia, isso faz com que as formações ideológicas, que comportam posições de classe, disputem para que o “seu sentido” seja dominante naquela formação social. Dessa forma, e conforme Courtine, é possível, “a partir de FI [formações ideológicas] antagônicas, falar dos mesmos ‘objetos’ (a democracia, a liberdade, o pluralismo, etc.) e deles falar ‘diferentemente’” (2014, p. 72). Ademais, de acordo com Althusser (1980), essas disputas não se dão simplesmente entre dois grupos homogêneos, com seus interesses e práticas pré-existentes à linguagem. Pela contradição constitutiva da língua, os objetos ideológicos são tratados como evidentes de dentro das formações discursivas às quais se filiam, mas sempre podem ser significados de outra forma, para a vantagem de outro grupo, de outra formação ideológica. Nas palavras de Pêcheux,

Isto suporia que não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso. (PÊCHEUX, 2014 [1982], p. 158)

A partir daí entendemos a pornografia e a liberdade de expressão como objetos ideológicos, foco de disputas entre formações ideológicas antagônicas: os movimentos pela proibição da pornografia e os movimentos contrários a essa proibição. Aqui, podemos trazer um breve panorama dessa disputa no âmbito de movimentos feministas – tendo em vista que no *corpus* de análise, a questão da pornografia como violência contra a mulher é muito forte.

Em meados do século XX, os movimentos feministas ganharam força. Parte significativa desses movimentos se voltou para a pornografia, onde viram a manifestação extrema do poder patriarcal (Williams, 1989), numa onda que pode ser resumida à máxima: “a pornografia é a teoria, o estupro é a prática” (Ramos, Lago, 2013). Para estas ativistas, pornografia e feminismo são opostos inconciliáveis. Segundo Gregori, “Esse modo de ver [das feministas anti-pornografia] restringe o espaço dos sentidos alternativos, bem como nega que

sejam materiais perpassados por ironia, transgressão ou paródia” (Gregori, 2016, p. 35). A autora continua para dizer:

É interessante notar que a reação ao moralismo de “direita” fez emergir, paradoxalmente, de um lado, um moralismo feminista antissexo protagonizado pelo movimento contra a pornografia – não menos normatizador do que a retórica que caracterizava a nova direita – e, de outro, uma contraposição dentro da comunidade lésbica na tentativa de legitimar apostas e alternativas sexuais como o sadomasoquismo, desafiando a máxima de que jogos de dominação e submissão constituem apenas as relações heterossexuais (GREGORI, 2016, p. 34)

Ou seja, a percepção do excesso de um tipo de discurso pornográfico ao mesmo tempo em que incitou a crítica e militância de feministas anti-pornografia, também possibilitou o surgimento dos movimentos *sex positive* a partir de meados de 1980, sob a ideia de que “se você não gosta da pornografia que existe, faça você mesma”. No âmbito da Análise de Discurso, entendemos que a disputa de sentidos para a pornografia enquanto objeto ideológico não terá fim, pois esse é o funcionamento da linguagem. Os sentidos não têm origem, nem fim, estão sempre em deslocamento. Todo o discurso é um estado do processo discursivo.

No entanto, essa disputa nos faz questionar a imagem que se projeta no *corpus* para a liberdade de expressão – o que será o segundo momento de análise, que continua em construção.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Presença Editorial/Martins Fontes, 1980.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: Essa nossa (dês)conhecida*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- COURTINE, J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984 [1979].
- GREGORI, M. *Prazeres perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HALVERSON, H. The anti-porn movement is growing. The public is just catching up. In: *The Washington Post*. 27/05/2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2016/05/27/the-anti-porn-movement-is-growing-the-public-is-just-catching-up/>> Acesso em: 11/10/2016.
- JENSEN, R. How porn makes inequality sexually arousing. In: *The Washington Post*. 25/05/2016. Disponível em: <[Anais do VIII SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, nº 1, 2017.
\[665\]](https://www.washingtonpost.com/news/in-</p></div><div data-bbox=)

theory/wp/2016/05/25/how-porn-makes-inequality-sexually-arousing/?utm_term=.af8cae7662fc> Acesso em 11/10/2016.

LINS, R. *O livro do amor: Da Pré-história à Renascença*. Vol 1. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013 [2012].

LONG, J. Pornography is more than just sexual fantasy. It's cultural violence. In: *The Washington Post*. 25/05/2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2016/05/27/pornography-is-more-than-just-sexual-fantasy-its-cultural-violence/>> Acesso em 11/10/2016.

LOURO, G. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003 [1997].

MAINGUENEAU, D. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 [2007].

ORLANDI, E. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998 [1996].

ORLANDI, E. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. [1983] In: ACHARD, P. (et al.). *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. [1982] In: *Décalages*. Vol. 1: Iss. 4. 2014. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15> Acesso em 08/02/2017.

RAMOS, M.; LAGO, M. Pornografia feminista. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*. Florianópolis: set. 2013.

RHODES, A. The conversation we're not having about porn. In: *The Washington Post*. 26/05/2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2016/05/26/the-conversation-were-not-having-about-porn/?utm_term=.538e53acd1a5> Acesso em: 11/10/2016.

SCHMITZ, M. The case for banning pornography. 24 mai. 2016. In: *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2016/05/24/the-case-for-banning-pornography/?utm_term=.8e9ae39b8c1e> Acesso em 19/09/2016.

WILLIAMS, L. *Hard Core: Power, Pleasure and the "Frenzy of the Visible"*. University of California Press: Berkeley and Los Angeles, California, 1989.